**PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA NAS VOZES DE PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Resumo**: As atuais mudanças do mundo contemporâneo, principalmente, no que se refere ao constante e ininterrupto avanço da ciência e das novas tecnologias afetaram, consideravelmente, as práticas de linguagem em suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, as novas perspectivas teórica, prática e metodológica dos estudos linguísticos evidenciam novos questionamentos, dilemas, desafios, novas possibilidades ao ensino de línguas/linguagens face às práticas sociais e culturais mais amplas. Isso posto, indaga-se neste estudo: consoante as mudanças produzidas nas diferentes esferas da vida e do trabalho pela necessidade de afastamento social em virtude da pandemia da Covid-19, quais práticas de letramento os/as docentes da área de linguagem têm se apropriado no contexto da educação remota? A pesquisa inscreve-se nos princípios do método de pesquisa qualitativa, em conjunto com uso de questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas por meio de tecnologias e aplicativos digitais. Os dados da pesquisa apontam que as práticas de letramento em tempo de afastamento social são necessárias para empoderamento dos/as alunos/os no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, quanto maior uso das tecnologias digitais verticalmente pelos profissionais de educação menos ocorrem interações e participações dos/as alunos/as. Porém quanto mais o profissional da educação busca usar o contexto dos/as alunos mais ocorrem a reciprocidade, a interação, a participação, a cooperação entre professor/a e aluno/a nas aulas remotas, pois somente assim, as práticas de letramento de linguagem serão reflexivas, inclusivas e libertadoras.

**Palavras-chave**: Práticas de Letramento; Língua Portuguesa; Ensino-Aprendizagem; Pandemia.

**Introdução**

O ano de 2020 iniciou-se imprevisivelmente diante de uma pandemia mundial que afetou, diretamente, todas as pessoas nas mais distintas áreas da vida humana. A educação, historicamente, vinculada aos processos de ensino-aprendizagem na modalidade presencial viu-se diante de problemas educacionais, que anteriormente pouco se discutia o ensino remoto. A necessidade de adequação aos novos processos de ensino, atualmente, é um fator inquestionável. Diante deste novo cenário, este artigo visa compreender, sobretudo, as práticas de letramento que os/as professores/as de linguagem do contexto norte de Mato Grosso ora se apropriam em tempo de pandemia da Covid-19.

Em virtude disso, a educação brasileira é, diretamente, afetada pela pandemia que interfere nas práticas de ensino, na atuação profissional dos/as professores/as, nas novas mudanças tecnológicas, cujos processos são ininterruptos na construção dos avanços científicos. As ações de adequações às mudanças sociais ocorrem rapidamente, por isso evidencia novos questionamentos, dilemas, desafios e novas alternativas de ensino de línguas/linguagem em tempos de isolamento social. Nesse sentido, os argumentos de Arruda (2020, p. 261) são incisivos ao preconizar que “o Brasil apresenta-se proposta difusas, que refletem a falta de liderança do Ministério da Educação [...]”.

Diante do atual cenário complexo gerado pela pandemia da Covid-19, as atividades laborais de muitos profissionais, dentre eles podemos citar, os da área de educação foram afetados pelo distanciamento social, no que se refere as práticas de ensino remoto. A exemplo disso, temos as aulas de Língua Portuguesa nas redes de ensino público regular, passaram a acontecer por via do ensino remoto. Deste modo, alterou, expressivamente, o modelo de ensino-aprendizagem dos profissionais da educação no mundo e no Brasil.

Com as novas possibilidades de uso dos meios tecnológicos digitais pelo enorme contingente de profissionais que realizam teletrabalho em suas residências, com suporte das tecnologias digitais e da internet. Muitas atividades que eram realizadas na modalidade presencial, na atualidade, acontecem mediante usos de tecnologias, plataformas digitais, correios eletrônicos, fóruns de discussão, dentre outros recursos comunicacionais.

 As práticas de ensino-aprendizagem engendradas sob a perspectiva da educação remota têm suas limitações, pois as condições sociais, econômicas e culturais podem afetar diretamente este processo, principalmente, os/as alunos/as que estão em situações de vulnerabilidade social. Contudo, o isolamento social tem afetado, imprescindivelmente, suas vidas em diferentes dimensões.

 Tal problemática surge diante desse novo contexto social para discutirmos o ensino remoto, pois de acordo com Street (2014), o letramento é um conjunto de capacidade para usá-lo para além da leitura. Para ele, os letramentos têm como objetivo o empoderamento do uso na formação cidadã, emersão social e conscientização. Diante da necessidade de distanciamento social, a oferta do ensino remoto é uma das alternativas de flexibilização, o que nos remete a questionar: quais práticas de letramento são requisitadas aos/às docentes de Linguagem mediante o ensino remoto no atual contexto de pandemia da Covid-19?

A pesquisa é de cunho qualitativo com ênfase nas práticas de letramento em tempo de pandemia nas vozes de professoras de linguagem do contexto norte de Mato Grosso. As participantes da pesquisa são todas professoras que estão em pleno desenvolvimento das suas atividades escolares em contexto de isolamento social. Para tanto, a produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada e questionário. Sendo, portanto, três entrevistas e um questionário. As docentes pesquisadas moram em cidades diferentes e são mestrandas do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS[[1]](#footnote-1), o qual promove a formação de profissionais docentes em efetivo exercício em sala de aula.

Portanto, a organização do texto segue nas seguintes seções. Na primeira seção, o texto apresenta e contextualiza o objeto de estudo diante das mudanças sociais geradas pelo contexto pandêmico; a segunda seção descreve o método, o universo, os participantes, os procedimentos de geração de dados, como também a formulação do *corpus* de análise; a terceira seção discorre sobre uma abordagem do(s) letramento(s) aos novos letramentos, ou seja, apresenta um breve conceito de letramento, letramentos, letramentos digitais e novos letramento; a quarta seção discorre a respeito das práticas de linguagem, a diferenciação entre ensino remoto e EaD e uso das tecnologias em contexto de pandemia; a quinta seção expõe as análises das narrativas das participantes que denominamos de práticas de letramento e ensino remoto em contexto da pandemia da Covid-19; a sexta seção compõe, também, a reflexão das análises nas vozes das professoras de linguagem em tempo de pandemia da Covid-19; por fim, algumas considerações sobre os dados e os resultados da pesquisa.

Na seção seguinte, abordamos alguns conceitos especialmente a respeito do letramento, letramentos, letramentos digitais, e novos letramentos. Tais dimensões teórico-metodológicos varia de acordo com o tempo e cultura, principalmente, diante do contexto do isolamento social.

**DO(S) LETRAMENTO(S) AOS NOVOS LETRAMENTOS: AS DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

 A práxis do letramento no processo histórico vem desmistificando um modelo estrutural de ensino vertical, no qual a língua/linguagem limitava-se a codificação da escrita e da leitura, o que tornava os/as aprendizes reféns do próprio processo de ensino. A discussão sobre o letramento, por sua vez, vem desvendar a funcionalidade da escrita, da leitura, da oralidade nos diversos espaços sociais, a partir dos anos 80.

Em virtude disso, nesta seção abordaremos, brevemente, os conceitos de letramento, letramentos, letramentos digitais e novos letramentos. Contudo, este artigo surge com o intuito de compreender as práticas de letramento em tempo de pandemia e seus respectivos usos pelas professoras de linguagem no atual contexto de pandemia da Covid-19.

Mas afinal, o que é letramento? O questionamento é válido e pertinente, visto que os fenômenos linguísticos são dinâmicos e sincrônicos. De acordo com Soares (2009, p. 32-33), o termo letramento surgiu para dar conta de um novo tempo cujo “[...] fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele”. Após a autora fazer uma explicação etimológica do termo e de sua origem, ela afirma que o “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p. 18). Sob esta perspectiva, o letramento está estritamente ligado ao processo de alfabetização, razão pela qual ela apresenta uma palavra vernácula para regionalizar a compreensão que já outrora usamos como alfabetismo. Por isso, a autora reitera que “dissociar alfabetização e letramento é um equívoco [...]” (SOARES, 2004, p. 14).

Segundo Kleiman (2005, p. 06), “o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares”. Ainda de acordo com ela, “o letramento envolve participar das práticas sociais em que se usa a escrita [...]” (KLEIMAN, 2005, p. 10). Consoante este viés conceitual, o letramento relaciona-se com a prática social da escrita e da leitura, na imersão da pessoa na codificação das palavras, enquanto o letramento social tem o papel da emersão da participação social no mundo e com o mundo.

Por um lado, Rojo (2009, p. 99) ressalta que o “significado do letramento varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura”. Deste modo, os processos de letramentos antecedem a leitura das palavras. Letramentos como prática social no ensino de língua/linguagem tem como propósito a emersão social, a cidadania e a promoção coletiva, a formação conscientizadora, a fim de desmitologização da língua/linguagem que historicamente ocultaram a visibilidade e negação do/a outro/a no/do mundo, no qual os/as participantes estão inseridos/as.

Para Freire (1979, p. 16), “a conscientização produz a desmitologização”. O mito linguístico construído pelos poderes institucionais normalmente sobrepõe a língua/linguagem das minorias deixando-os invisíveis. A língua/linguagem, por sua vez, por meio do letramento crítico produz essa conscientização, ao desmitificar os mitos linguísticos na consciência social, desvelando paulatinamente aos seres humanos da sua posição no mundo e com mundo socialmente.

Por outro, os letramentos se enraizaram nas diversas áreas do conhecimento, inclusive na tecnológica, denominada como letramentos digitais. Buzato (*apud* FREITAS, 2010, p. 339) descreve que os “letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais [...]”. Posteriormente, o autor descreve “o usuário da linguagem digital e de dispositivos digitais (como computador, telefone celular ou aparelho de TV digital), como qualquer leitor, não é um mero consumidor” (BUZATO, 2008, p. 327). Os letramentos digitais constroem sujeitos/as na/da sua inclusão social, tecnologicamente digitais, participantes ativos no e com o mundo digital.

Os novos letramentos, por sua vez, buscam valorizar as práticas e a diversidade dos contextos sociais locais como uma forma de “[...] oposição à visão tradicional, então dominante, de que letramento é um conjunto de habilidades cognitivas ou psicológicas que as pessoas possuem, e que podem ser ensinadas de maneira neutra em contextos formais ou informais de ensino” (MATTOS, 2014, p. 108). Nesta ruptura de concepções ideológicas a respeito dos letramentos, os novos letramentos advogam uma prática social contrária a posição tradicional. Consoante este pensamento, Gee (*apud* MATTOS, 2014, p. 110) assevera que os novos letramentos “começaram a substituir a noção tradicional de letramento por uma abordagem sociocultural”. Nesta perspectiva, Rojo (2009, p. 105) argumenta que “os novos estudos do letramento têm se voltado em especial para os letramentos locais ou vernaculares, de maneira dar conta da heterogeneidade das práticas não valorizadas e, portanto, poucas investigadas”.

Street (2014) faz uma diferenciação entre o letramento autônomo e ideológico. Segundo ele, o letramento autônomo fica restrito às concepções técnicas, unilateral e individual cujas práticas faz anúncio de uma falsa esperança de progresso. Enquanto, o letramento ideológico reconhece as práticas culturais, históricas e locais e permite que os próprios sujeitos/as sejam autores/as das práticas transformadoras. Para ele, o modelo ideal é o letramento ideológico, pois tal fenômeno carrega o teor político e ideológico nos diferentes contextos sociais e é o melhor caminho para respeitar as culturas locais. Para o autor, não há letramento, mas letramentos.

A respeito disso, numa abordagem etnográfica é fundamental diferenciarmos duas concepções de letramento: “eventos de letramento” e “práticas de letramento”. Heath (*apud* MATTOS, 2014, p. 123) foi a pioneira a tratar do conceito “evento de letramento”. Para ela, o “evento de letramento” define-se como uma “ocasião em que algo escrito integra a natureza das interações dos participantes e suas interpretações de significado”. Ou seja, a natureza desta percepção pressupõe o uso grafocêntrico na sociedade em especial no domínio escolar, motivo pelo qual Street (2014) denominou de “letramento autônomo”, que geralmente, fica no mundo “[...] monolítica, singular e estável” (MATTOS, 2014. p. 111). Em contrapartida a esta concepção de evento letramento, Street (2014) apresentou as “práticas de letramento”, as quais dizem respeito ao modo como as pessoas fazem usos socialmente do letramento no mundo letrado, mesmo desconhecendo as palavras, mas torna o mundo mais real e concreto para emersão social do/a sujeito/a. Deste modo, podemos fazer a seguinte comparação: eventos de letramentos é semelhante ao conceito de letramento autônomo; práticas de letramentos assemelham-se ao letramento ideológico. Todos modelos de letramentos introduzem relações de poder. Street (2007) relata que as práticas de letramento também é um lugar de negociação e transformação.

Portanto, nestas perspectivas, os letramentos de acordo a Linguística Aplicada (LA) oferecem possíveis soluções concreta da língua/linguagem em usos, inter/transdisciplinaridade, viabiliza novos horizontes e identidades, sincronicamente construtivos, desconstrutivos e reconstrutivos (STREET, 2014). A identidade linguística assume a forma da identidade local para desvelar tal mistério que outrora era indiscutível. Os letramentos sob os princípios da LA ouvem “[...] as vozes dos que vivem as práticas sociais que queremos estudar” (MOITA LOPES *apud* JORDÃO, 2016, p. 270). Por essa razão, os/as participantes desta pesquisa são professoras do PROFLETRAS que estão imersas, atualmente, no contexto do ensino remoto. Na seção seguinte, os percursos e as práticas destas docentes no contexto da pandemia serão melhor detalhadas.

**MÉTODO, PROCEDIMENTOS, UNIVERSO E PARTICIPANTES DA PESQUISA**

 O método é de cunho qualitativo cujo universo educacional em tempo de pandemia, em 2020, no contexto norte de Mato Grosso, com professoras mestrandas do PROFLETRAS. A reflexão deste universo tem sido construída consoante a análise do atual momento, principalmente, por meio da disciplina “Letramento e Sociedade”, ofertada no Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras), no qual iniciamos presencialmente, ora com a pandemia as aulas continuaram via ensino remoto.

 O artigo filia-se aos estudos linguísticos, sob a ótica da Linguística Aplicada cujo fenômeno é analisado a partir da interdisciplinaridade. A respeito dos/as participantes desta pesquisa são professoras de Língua Portuguesa, mestrandas do PROFLETRAS. Este foi um dos critérios para escolha das participantes da pesquisa, pois estão em desenvolvimento das funções em pleno advento da pandemia. Contudo, o PROFLETRAS tem como centralidade a formação dos profissionais que estão imersos no contexto escolar, pois este é um dos critérios para o ingresso no programa.

Descrevemos os perfis das participantes para contextualizarmos brevemente o local de fala. Para resguardar suas identidades, essas serão denominadas de professora 1, professora 2, professora 3 e professora 4. Vale destacar que as entrevistas foram realizadas por meio do *Google Meet*, durante o mês de agosto de 2020. Apenas uma participante preferiu responder ao questionário.

A professora 1 tem 53 anos de idade, cuja experiência na docência chega há 20 anos. Mora na cidade Americana do Norte, município de Tabaporã, no Estado de Mato Grosso. Graduada em licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, em 2001. É discente do PROFLETRAS, ofertado na UNEMAT, Câmpus Universitário de Sinop. É natural de Mesópolis, São Paulo. Atua numa escola do campo cujas famílias dos/as alunos/as residem em fazendas, sítios e chácaras.

A professora 2 tem 45 anos, atua na profissão há 27 anos na mesma escola. Mora na cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. É natural do Rio Grande do Sul. Graduada em Letras Português e Literaturas pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, em 2001.

A professora 3 tornou-se mestra em 2020. Mora em Alta Floresta-MT, tem 33 anos, atua em sala de aula desde 2011. Graduada em Letras (português/inglês) pela União das Faculdades de Alta Floresta – UNIFLOR, em 2009.

A professora 4 relatou que veio da região Sul do Oeste catarinense, uma terra colonizada, principalmente por italiano. Veio para Mato Grosso em 2017 para assumir o concurso na cidade de Colíder-MT. Tem 27 anos, atua na docência há mais de 10 anos. No Estado de Mato Grosso atua como professora desde 2017. Formada em Letras (português/espanhol), pela Universidade Federal Fronteira do Sul (UFFS), em 2014.

Este estudo vincula-se aos princípios do método de pesquisa qualitativa, pois esta abordagem permite uma relação dialógica entre pesquisadores/as e os/as participantes do estudo. Para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa produz informações mais ampliadas da realidade pesquisada, pois tal concepção epistemológica considera a participação dos/as participantes como fonte principal nas informações do fazer científico.

 Duarte (2002) afirma que a pesquisa é uma viagem empreendida que muitas vezes já visitados, porém cada viajante (pesquisador/as) possui diferentes olhares e pensamentos sobre a realidade visitada. Fizemos uso da viagem virtual tecnologicamente cujo planejamento metodológico e estratégico a fim de obtermos os melhores resultados. O primeiro contato com as participantes ocorreu via *WhatsApp.* Todas gentilmente se prontificaram a contribuir com a pesquisa mesmo diante de tantas atividades e tarefas em que estão imersas.

Tal viagem virtual diante do contexto atual ocorreu, imprescindivelmente, por meio da tecnologia digital a fim de evitar aglomeração e as relações pessoais. Ultimamente, este é o caminho mais seguro e viável para realização desta viagem tanto aos pesquisadores/as (viajantes) quanto aos que foram visitados/as (professoras) e entrevistadas por meio das tecnologias digitais, no mês de agosto de 2020.

Em virtude disso, muitos instrumentos e técnicas foram utilizados para geração de dados pelos/as viajantes (pesquisadores/as) cujas descobertas influenciaram nos resultados posteriormente apresentados. Por meio dos instrumentos utilizados para geração de dados o objeto foi se vislumbrando, paulatinamente, aos olhos dos/as viajantes/as (pesquisadores/as), pois a linguagem e o discurso conduziram o roteiro da viagem virtualmente pela entrevista semiestruturada e questionário.

A análise dos dados teve como suporte teórico os estudos de Kleiman (2005), visto que para ela os letramentos têm mais que uma habilidade, ou seja, envolve múltiplas capacidades, muitos dos quais não têm relação diretamente com a leitura. Semelhante a este pensamento, Rojo (2009, p. 98) reforça a tese de que “[...] é possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira”. Para a autora, os novos estudos do letramento têm se voltado especialmente para os letramentos locais. Ainda nesta perspectiva de análise, sobre os novos letramentos, Mattos (2014) ressalta que tal categoria advoga uma prática contraria a posição tradicional.

De acordo com Street (2014), as “práticas de letramento”, as quais dizem respeito ao modo como as pessoas fazem usos socialmente do letramento no mundo letrado, mesmo desconhecendo as palavras, mas torna o mundo mais real e concreto para emersão social no cotidiano. Ele propõe prática de letramento ideológico para contrapor o letramento autônomo de cunho tradicional.

Arruda (2020) faz uma análise do contexto atual a respeito do isolamento social em diversos países, a fim de demonstrar as políticas públicas implementadas com o intuito de garantir o acesso à educação escolar. Para tanto, o autor fez uma diferença entre ensino remoto e EaD para compreendermos as categorias de usos tecnológicos no contexto atual. Buzato (2008, p. 327) reafirma que os letramentos digitais constroem sujeitos ativos, pois o “[...] leitor não é um mero leitor”.

A partir dessas reflexões, analisaremos as práticas de letramento e o ensino remoto em contexto da pandemia da Covid-19, em Mato Grosso. Nesta abordagem emergiram três categorias principais por meio das diferentes narrativas das professoras: a primeira categoria que emergiu foi o letramento digital e o ensino remoto; a segunda categoria foram os usos das tecnologias digitais da informação e comunicação nas práticas de letramento; por último, a categoria que emergiu foi identidades e letramentos em advento da pandemia.

Sob esse prisma conceitual e metodológico e, em consideração ao atual momento, é fundamental respeitar todas as normas de segurança e distanciamento social. Deste modo, a produção dos dados aconteceu por meio do uso das tecnologias digitais, como: correio eletrônico o *Google Meet, WhatsApp* e/ou questionário para realização das coletas dos dados. Todas as entrevistas foram gravadas pelo aplicativo *Google Meet* e, posteriormente, foram transcritas para melhor análise do objeto de estudo.

Deste modo, na seção seguinte apresentaremos às práticas de linguagem, o ensino remoto e as tecnologias digitais em contexto de pandemia.

**PRÁTICAS DE LINGUAGEM, ENSINO REMOTO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CONTEXTOS DE PANDEMIA**

 Nesta seção apresentamos, evidentemente, as práticas de linguagem, o ensino remoto e os usos das tecnologias digitais em tempo de pandemia com o isolamento social tornaram-se primordial para construção de novos conhecimentos que são partes integrantes da constituição humana na civilização. No entanto, esses processos caracterizam por meio de grupos sociais e culturais nas/das relações comunicativas que se alteram nos diversos espaços sociais. Os/as professores/as de linguagem, especificamente, os/as de Língua Portuguesa que estão inseridos/as neste atual contexto e que de repente foram surpreendidos/as a remodelar as práticas de linguagem, os modelos e as estratégias de ensino e os usos das tecnologias digitais para adequarem às exigências profissionais ligadas ao ensino-aprendizagem.

Com esse pensamento, Rajagopalan (*apud* LAGARES, 2018, p. 11) afirma que “intervir na linguagem significa intervir no mundo”. A palavra (língua/linguagem) tem plena capacidade de transformação das pessoas cujas ações são externamente visíveis no cotidiano social. Ou seja, a mudança no mundo requer, principalmente, modificação por meio na/da linguagem, pois a palavra é criadora e transformadora. Sem a qual é impossível mudar a realidade social e histórica. Freire (2015) ao destacar a missão das pessoas no mundo afirma que quando elas assumem dizer suas palavras assumem, também, conscientemente sua condição humana. Esta, por sua vez, está ligada ao empoderamento linguístico, que segundo Freire, constitui a si mesmo e o/a outro/a simultaneamente em que se humaniza, humanizando-o/a.

 A pandemia tem afetado milhares de vida, o modo de trabalho, a forma como pensamos, principalmente, sobre o modelo de ensino. Portanto, as novas práticas de ensino escolar tem sido remotamente, pois rompe os paradigmas educacionais tradicionalmente. A pandemia da Covid-19 exige de todos/as uma mudança de comportamento na prática de ensino-aprendizagem.

Arruda (2020) assegura que o isolamento social afetou todas as áreas da existência humana, inclusive a área da educação, uma vez que “[...] promove desconstruções sob a forma como o ensino e a aprendizagem são vistos socialmente” (ARRUDA, 2020, p. 258). De acordo com o autor, países como a França, Espanha, Portugal e Inglaterra adotaram a tecnologia como estratégia para a mediação do ensino remoto, a implementação da aprendizagem remota afeta tanto os/as alunos/as quanto os/as professores/as, ora pela falta de acesso, ora pela falta de políticas públicas. Outros países como México, Chile e Uruguai utilizaram as tecnologias em todos níveis de ensino. Por outro lado, o Brasil apresenta proposta difusa no qual ressaltou a falta de liderança.

O ensino remoto e a modalidade EaD, por sua vez, tem suas diferenças. Para Arruda (2015, p. 262), a diferença ocorre na seguinte forma:

A maioria das instituições investigadas buscaram implementar educação remota, de maneira a diferenciar-se da modalidade EaD. Neste formato, as aulas são transmitidas em tempo instantâneo por sistemas de webconferências, as chamadas *lives*, que permitem que professores e alunos tenham condições de realizar interações e organizarem seus tempos de aprendizagem da forma mais próxima à educação presencial.

 O ensino remoto visa, sobretudo, uma participação simultânea aproximando-o máximo da educação presencial, professor/a-aluno/a e vice-versa. Enquanto, o ensino EaD, o/a aluno/a adequasse conforme seu tempo disponibilidade para realização das atividades. “O ensino remoto é um formato de escolarização mediado por tecnologia, mantidas as condições de distanciamento professor e aluno” (GRACIA *et al*, 2020, p. 5).

 Ambas as plataformas utilizam as tecnologias digitais, porém possuem características diferentes. Gracia *et al* (2020, p. 5) apresentam, fundamentalmente, as abordagens que as distinguem.

Embora esteja diretamente relacionado ao uso de tecnologia digital, ensinar remotamente não é sinônimo de ensinar a distância, considerando esta última uma modalidade que tem uma concepção teórico-metodológica própria e é desenvolvida em um ambiente virtual de aprendizagem, com material didático-pedagógico específico e apoio de tutores.

Para os autores, a principal diferença está no uso da tecnologia, enquanto o ensino remoto busca aproximar ao máximo do contexto escolar presencial, porém o ensino a distância (EaD) propõe um ambiente virtual no qual o/a aluno/a procura adequar-se de acordo com seu tempo para os estudos.

Por fim, as tecnologias digitais, por sua vez, ganham notoriedade neste cenário de isolamento social como uma ferramenta para viabilidade do ensino-aprendizagem. Neste processo de mudanças sociais são transformadas e transformam à medida que vão incorporando este fenômeno paulatinamente. Nos quais, o letramento, segundo Barton (2015), pode ser uma lente para examinar a mudança das práticas sociais. Com estas lentes, tecnologias e as plataformas digitais podem ser utilizadas para a promoção de letramentos no atual contexto de pandemia pelos/as professores/as de Língua Portuguesa, do contexto norte de Mato Grosso.

Assim, na seção adiante, sob as vozes das docentes de Língua Portuguesa, as práticas de letramento constituídas durante a pandemia por meio das tecnologias digitais.

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO E ENSINO REMOTO EM CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

A partir das reflexões das análises dos dados categorizamos três áreas que mais sobressaíram nas vozes das professoras de linguagem: (1) letramento digital e o ensino remoto; (2) usos das tecnologias digitais da informação e comunicação nas práticas de letramento; (3) identidades e letramento em advento da pandemia.

**Letramento Digital durante o isolamento social**

O letramento digital é uma categoria que emergiu nas vozes das professoras de linguagem, no Estado de Mato Grosso. A respeito das práticas de letramento em tempos de pandemia, a professora 1 relatou que o letramento digital é o que está imperando no momento. Com referência as práticas de letramento vivenciadas durante o processo de ensino-aprendizagem via remoto, a professora 1 relatou:

(1): O letramento digital é o que ele está imperando tivemos que ressignificar, é o que antes nós irmos para a sala de aula com a caixinha de giz né, agora nós temos o pincel foram colocados quatro de vidros na escola e tal. (Professora 1).

As mudanças nas práticas de letramento no ensino são percebíveis nas narrativas da professora 1, pois ela relata o processo evolutivo da educação nos usos dos materiais utilizados na materialização da prática de ensino nos últimos 20 anos em sala de aula. No entanto, o ensino remoto tem sido o meio mais adequado para instrumentalizar o processo ensino-aprendizagem durante o isolamento social.

Para a professora 1, estas novas práticas de letramento via aulas remotas em tempo de pandemia é “[...] desafiador, na verdade, bastante desafiador [...]”, pois ela disse que os/as alunos/as “[...] envolvem bastante tecnologia com joguinhos que eles não têm que se preocupar com raciocínio entendeu, com escrita, não tem como você trabalhar o que eu sou professora de língua portuguesa eu preciso dar escrito deles para dar um retorno”.

Apesar dos relatos de experiências com os letramentos digitais, a professora 1 ressaltou a importância da “interação corpo a corpo”, “face a face” sobre o processo de ensino-aprendizagem. Segunda ela, a sua preocupação é a necessidade presencial com alunos/as, pois descreveu da seguinte forma: “Nós precisamos interagir, nós precisamos conversar a respeito do texto para saber se o aluno compreendeu ou não”. O uso do letramento digital na prática de ensino via remoto não tem favorecido uma interação satisfatória para a professora 1.

Com referência ao letramento digital e ao ensino remoto, a professora afirmou que têm utilizado a internet para promoção do ensino-aprendizagem dos/as alunos/as em tempo de pandemia, mas ressalta a relação com os alunos/as.

(2): Então assim, a internet hoje é 100% né. Eu achei assim, é bem trabalhoso e difícil o contato com o aluno porque alguns vem até você né, alguns mandam mensagens e outros não tem aquela liberdade de te procurar, né. A gente coloca que está sempre disposição deles né, qualquer dúvida pode ligar, mandar mensagem, mas tem muitos que não mandam e tem muitos que mandam também. (Professora 2).

 Por meio da tecnologia digital, a professora 2 utiliza diversas formas de letramento para implementar o processo de ensino-aprendizagem. Ela usa vídeo aula, vídeo chamada com aluno/a, grava áudio para explicar o conteúdo, usa celular privado para falar com os/as alunos. De acordo com suas narrativas, seus esforços são insuficientes para promover formação dos/as alunos/as por meio das aulas remotas, pois muitos acabam afetados por não ter acesso a internet de qualidade.

Portanto, sob o prisma do letramento digital na era do isolamento social, os/as alunos/as não são objeto de transferência de conteúdo ou consumidores de conteúdo, porém são autores/as do seu próprio discurso pelo uso tecnológico. Ainda assim, apesar do uso letramento digital, as professoras 1 e 2 ressaltam um sentimento de perda na aprendizagem e da necessidade da interação social para materialização do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Essa realidade vai ao encontro dos argumentos de Arruda (2020), quando o autor faz uma crítica a respeito do uso da tecnologia no ensino no Brasil no período do isolamento social, visto a falta de liderança e de política pública para minimização de distanciamento do/a professor/a com o/a aluno/a.

**Usos das tecnologias digitais da informação e comunicação nas práticas de letramento**

Os usos das tecnologias digitais e diversas formas de comunicações por meio das práticas de letramento é outra categoria destacada nas vozes das professoras de linguagem. A comunicação via tecnologias digitais em si não assegura a aprendizagem, mas fazem usos de todas as formas possíveis para proporcionar aos alunos/as uma relação recíproca.

(3): Agora, nós temos uma tela ou celular [...], as minhas aulas em *PowerPoint*, eu procurava deixar sempre desenho bastante atrativo. Usei joguinhos [...], nós usamos o *WhatsApp* [...] plataforma *Teams. [..]* várias opções você vai trabalhar forca ou futebol, a roda a roda ou a roda a roleta da aprendizagem e tudo isso e ofereci para eles. (Professora 1).

(4): Usei o *Google Meet.* Já dei algumas aulas no *Google Meet* com a turma do 8º ano. Ah, toda ferramenta que tiver aí a gente usa: *Google Meet, Google Forms*, vídeo aula, *Site* da internet através de *links*, vídeo chamada, telefone e tudo. [...] Nós temos o grupo de *WhatsApp.* [...]aula que eu peguei na internet, acerca dos conteúdos, éeee eu sugiro *links* também pra eles fazerem também pesquisas, site né, para eles pesquisarem conteúdos. [...] fiz até aula com vídeo chamada pra aluno para explicar o conteúdo, gravo, também, áudio explicando os conteúdos. Várias formas, tudo que é possível eu to fazendo, ligo para as mães quando eu não tenho contato do aluno, que muitos utilizam os celulares dos pais né. Nosso telefone privado é disponibilizado pra eles. (Professora 2).

(5): A plataforma *Microsoft Teams* possui inúmeras possibilidades de ferramentas que favorecem o ensino-aprendizagem. Os professores estão em grupos de *WhatsApp* das turmas em que lecionam [...] aprendemos a criar grupos, a enviar arquivos*, links*, utilizando-o para o trabalho, etc. - e plataformas de reuniões como o *Zoom*, *Google Meet* e o *Microsoft Teams*. (Professora 3).

 O uso das tecnologias digitais e os meios de comunicação são evidenciados nas narrativas das professoras 1, 2 e 3, os usos são semelhantes para possibilitar aos alunos/as uma comunicação participativa e interativa. De acordo com a narrativa da professora 3, a plataforma escolhida para acontecer as aulas remotas poderia ser melhor utilizada, mas a falta de formação impede o uso de inúmeras possibilidades no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ela reforça que “a falta de conhecimento perante à linguagem, funções e operações digitais dificultam o trabalho, mas não impede que as aulas sejam ministradas, porém o domínio de aplicativos e funções dentro do *Teams* contribuiriam às práticas pedagógicas”.

Portanto, ressaltamos que ter acesso às diversas plataformas ou aplicativos não garantem aos profissionais da educação da área de linguagem condição plena para o desenvolvimento das práticas de letramento por meio do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação. Ter acesso à tecnologia não significa saber utilizá-la em relação ao ensino remoto. As limitações quanto ao letramento digital a respeito exclusivamente na utilização das plataformas, de certa forma, prejudicam a utilização das diversas possibilidades no processo de ensino-aprendizagem das professoras de linguagem.

Tal comportamento interfere, diretamente, nas identidades e letramento durante a pandemia.

**Identidades e letramento em advento da pandemia**

 Evidentemente, na narrativa da professora 4, as práticas de letramento no ensino remoto foi o diálogo com os/as alunos/as, a fim de construir coletivamente a conscientização no/do processo de ensino-aprendizagem via remota cuja discussão se deu a respeito da construção das identidades.

A identidade e o letramento são parte integrante da pessoalidade de cada sujeito, ou seja, as formas de leitura e escrita cuja cultura reforça a valorização (STREET, 2006). No Brasil, esta cultura é extremamente valorizada nos espaços escolares. Para o autor, esta ultra valorização associa-se às relações de poder e ideologia (STREET, 2006).

A cultura identitária entre professor/a e aluno/a, via aula remota, é fundamental para construírem um diálogo recíproco nas práticas de ensino-aprendizagem.

(6): Aí, eu conseguir estabelecer com alunos certo diálogo porque no começo as coisas assustam, né. Isso foi para nós difícil o processo imagina pra eles. É até de você conseguir, digamos se organizar com relação ao horário. Conseguir fazer uma rotina para você estudar na sua casa né, os que tinham acesso à internet né, não tinha essa rotina do trabalho remoto né, das aulas remotas. Então você colocar uma camiseta pra assistir a aula né, você levantar no horário certo pra você não perder a aula com o professor. O que mais, essas questões de organização do tempo mesmo. Então nós tivemos uma aula sobre isso né. Como organizar o tempo pra você conseguir assistir as aulas, fazer as atividades propostas naquele dia, mais uma vez foi preciso reforçar pra eles a importância do estudo. (Professora 4).

A reciprocidade na formação do ensino remoto é extremamente essencial para construírem, mutuamente, uma relação de pertencimento no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, quanto mais o/a aluno/a sentir parte neste processo, mais interação surge, pois não vão sentir intimidado pela figura do/a professor/a. Outro dado importante nesta entrevista foi que de acordo com a professora 4, ao retomar os conteúdos que estavam estudando não teve êxito. A exposição do conteúdo do gênero poesia por meio do *PowerPoint*,compartilhada não havia interação, além disso, as câmeras ficavam desligadas, pois “eu tinha medo de estar falando sozinha”.

A professora 4, em diálogo com seu filho de 14 anos, foi aprimorando sua prática de letramento. Essa emersão de letramento constitui a partir da interação social com o intuito de resolução de problemas. O fator primordial foi ouvir como os jovens fazem usos das tecnologias digitais, para que ela pudesse interagir como seus alunos/as.

(7): “aí ele me deu algumas dicas de adolescente, né. Mãe não fica perguntando toda hora se eles estão te ouvindo, se eles estão ali, se você ficou sozinha, pois ninguém respondia, né”. [...] então, não fica perguntando isso, eles estão ali (a fala do filho). Porque ele também está no processo de aula remota, né. Então, eu parei de perguntar também eu fui me alto letrando. (Professora 4).

 Na aula seguinte, a professora 4 descreve novamente o roteiro das suas práticas de letramento via aula remota com apresentação de uma temática contextualizada com a realidade dos/as alunos/as.

(8): E como nós estávamos tratando de um tema que parecia naquele material que é a questão da identidade cultural, nós começamos a conversar, fizemos um diálogo gostoso, assim né. Eu pedi pra eles se sentirem a vontade e ligar as câmeras, a gente fez um bate papo sobre a criação das identidades. E aí, a gente comentou bastante. Apresentei pra eles a teoria de Bauman da modernidade líquida, como os relacionamentos são líquidos, de como as pessoas constroem as próprias identidades nesse período, né e pedi pra eles refletirem. [...] Então, eu abri meu *Facebook* e aí fui mostrando (ela estava gesticulando como se estive subindo a tela do celular), algumas pessoas assim, por exemplo, professores o que eles postam, alunos o que eles postam, alguns candidatos a vereadores, né, agora nós estamos no pleito eleitoral neste período. Aí, fui mostrando pra eles as construções destas identidades, que eles puderam perceber, mas o que eles mesmo já haviam percebidos, mas agora com mais, digamos força, pois estavam vendo a construção identitária. Conforme eles foram falando, eu fui digitando as falas deles no *Word*, e tal, pra gente compilar pra depois compartilhar com eles. Olha, isso foi o que você disse, enfim. E aí, a gente criou junto um texto coletivo como se constrói as identidades. (Professora 4).

 As práticas de letramento quanto mais contextualizadas com a realidade dos/as alunos/as, mais os empodera da sua formação humana e humanizando-se por meio das relações de pertencimento do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a professora 4 saiu totalmente do roteiro (conteúdo programado) institucional quanto ao currículo dos conteúdos escolares implementado pela Secretaria de Estado de Educação - SEDUC (material enviado pronto/ impresso, que a professora preparava as aulas em apresentação em slides), não promovia interação social com os/as alunos/as remotamente. Ela assim se pronuncia “[...] eu saí um pouquinho daquele material do Estado, aquele material que nos foi instituído pelo Estado para trabalharmos”.

De acordo com Street (2006, p. 466), “os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos”. Além disso, o autor ressalta que “[...] as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da pessoalidade (*personhood*)”. A professora 4 fez uso do atual contexto específico para implementar as práticas de letramento que foi a questão da identidade cultural da realidade dos/as alunos/as que as constituem por meio das relações sociais. O resultado foi evidente que eles/elas ligaram as câmeras e começaram a “bater um papo sobre a criação da identidade”. A linguagem é um fator desencadeante para sociabilidade entre professor/a e aluno/a em tempo de pandemia em aulas remotas, pois tal fenômeno é constitutivo da identidade dos jovens. A professora 4 é a mais recente na docência em comparação com as demais e a mais jovem.

 Diante dos fatos narrados pelas professoras acima, constatamos que a respeito do ensino remoto, as características apontadas por Arruda (2020) se manifestam na pesquisa, uma vez que o autor apresenta o formato da educação remota que busca manter em tempo instantâneo por sistema de plataformas e aplicativos mais próxima da educação presencial. Por um lado, observamos nas entrelinhas das narrativas das professoras que apesar das orientações do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) não foram suficientes para construírem uma interação recíproca entre professor/a e aluno/a por meio das aulas remotas.

As narrativas das professoras 1, 2, 3 e 4 enquadram, particularmente, na mesma categoria da falta de política pública de formação contínua sob a perspectiva do ensino remoto, apesar das experiências cotidianas de utilização de diversas plataformas digitais e aplicativos e outros meios comunicacionais como: *WhatsApp, Teams, Google Meet, Google Forms, Zoom, Facebook* e outros mecanismos para tornar as aulas mais próximas da modalidade presencial ainda é desafiador para as professoras.

Diante das entrevistas das professoras, a implementação do ensino remoto afeta tanto as professoras, pois elas pouco sabem fazer usos das possibilidades disponíveis pelas plataformas disponibilizadas para efetividade de práticas mais contextualizadas com a atual realidade sociocultural. A narrativa mais incisiva veio da professora 3 quanto a falta de habilidade nos usos da plataforma para implementar outras formas de prática. Arruda (2020) corrobora esta discussão ao evidenciar que em diversos países desenvolvidos e subdesenvolvidos a implementação pela falta de acesso, ora pela falta de políticas públicas, afeta a implementação do ensino remoto e, por consequência, o processo ensino-aprendizagem.

A tecnologia digital está presente na vida das professoras entrevistadas, mas o modo de usá-la de forma conscientizadora para implementação de práticas de letramento ainda ficam restritas ao uso pessoal, visto que ressaltaram que existe pouca interação com os/as alunos/as, pois estes não ligam as câmeras e poucos participam das aulas remotas. Apesar dos esforços das professoras em promover uma aula interativa com desenhos, brincadeiras, jogos, vídeo chamada, gravação de áudio explicativo dos conteúdos.

A professora 4 teve uma atuação docente totalmente diferente, quando constatou que os/as alunos/as não correspondiam ativamente neste processo de ensino remoto. Ela rompeu com o paradigma institucional e valorizou os letramentos locais, que chamamos aqui de práticas de letramento, ou seja, ela construiu junto com seus alunos/as, a fim de que obtivesse uma participação interativa com eles por meio do ensino remoto. O resultado foi visível quando ela ressaltou que foi se auto-letrando e foi demonstrando visivelmente para dialogar com eles. Houve uma ação participativa, colaborativa e coletiva entre a professora e os/as alunos/as por meio do uso, inclusive, da linguagem deles/as, “[...] a gente fez um bate papo [...]”. Para Rajagopalan (*apud* LAGARES, 2018, p. 11), “intervir na linguagem significa intervir no mundo”. O modo de uso da língua/linguagem é um instrumento importante para construir uma relação recíproca entre aluno/a e professor/a durante o processo de ensino-aprendizagem, a fim de mobilizarem uma interação recíproca.

Por fim, as mudanças promovidas pelas tecnologias digitais nos forçaram a incluí-las em nossas vidas, no trabalho e na educação, mas constatamos que em tempo de pandemia não basta ter acesso às tecnologias digitais, às plataformas, aos aplicativos de comunicação são necessários, primordialmente saber usá-las no processo ensino-aprendizagem para promover a emersão social, a formação cidadã e construir mutuamente uma relação recíproca de conscientização.

**Considerações finais**

Diante dos dados apresentados pelas participantes da pesquisa, no contexto educacional, no ano de 2020, no Estado de Mato Grosso, coube questionarmos a respeito deste novo cenário: quais práticas de letramento foram requisitadas às/aos docentes de Linguagem via ensino remoto no atual contexto de pandemia da Covid-19?

Os dados da pesquisa sinalizam que o letramento digital é um desafio para as professoras que estão em sala de aula há mais de 15 anos. Entretanto, o ensino remoto visa, sobretudo, uma aproximação da educação presencial (ARRUDA, 2015). A pesquisa evidencia que todas as professoras entrevistadas têm acesso a tecnologia digital para desenvolverem as aulas remotas, mas as formas de uso geram pouca interação com alunos/as. Os dados revelaram, também, que este modelo de ensino remoto provoca medo de que os/as alunos/as não podem aprender, falta de interação, indiferença e distanciamento. A falta de conhecimento perante a linguagem digital afeta a interação entre as professoras e alunos/as.

Com referência aos usos das tecnologias digitais, as professoras afirmaram que fizeram usos de diversas formas possíveis para manter uma fecunda relação com os/as alunos. As práticas de letramento são possíveis por meio das diversas plataformas e aplicativos digitais como: *Teams, WhatsApp*, *Google Meet, Google Forms*, vídeo aula, *Site, WhatsApp, links, Zoom, Facebook,* dentre outras. Todavia, observamos que as práticas de letramento por meio das aulas remotas ocorrem, mas que tais práticas são insuficientes no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, visto que as docentes ressaltaram, veementemente, a necessidade de estar “corpo a corpo”, “cara a cara”, “face a face” com os/as alunos/as.

Os dados mostram, também, que a identidade dos profissionais da educação em relação aos usos de tecnologias digitais para o ensino é impactada diretamente diante do novo contexto pandêmico. Este novo momento histórico reforça que as identidades são frutos que não podemos escolher, mas adequá-las de acordo com as necessidades atuais. Moita Lopes (2006, p. 37) relata que “[...]a escolha de nossas múltiplas identidades não depende da nossa vontade [...]”. Constatamos estas múltiplas identidades por meio das diversas estratégias das professoras para instrumentalizar o ensino-aprendizagem por meio dos usos das tecnologias digitais. Evidenciamos, também, que estas identidades mutáveis causam uma resistência, mas não temos controle sobre as mudanças como afirma Moita Lopes.

Feitas essas considerações, reafirmamos que é necessário que as práticas de letramento sejam contextualizadas, a fim de proporcionar melhores aprendizagens aos alunos/as e acessibilidade ao modo de uso das tecnologias digitais em aulas remotas. É, portanto, fundamental desenvolvermos a prática da escuta dos/as e com os/as alunos/as para contextualizar o conteúdo curricular, a realidade do aluno/as e não o contrário, “[...] porque as práticas sociais do letramento são situadas histórico-socialmente”, conforme apregoam Silva, Santos e Maciel (2020, p. 4890), pois somente assim, as práticas de letramento via aulas remotas serão inclusiva, participativa e emancipatória.

**Referências**

ARRUDA, Eucidio Pimenta. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. EmREDE **Revista de educação a distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/621-Texto%20do%20artigo-3081-1-10-20200612%20(2).pdf >. Acesso em: 8 jun. 2020.

BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem no mundo digital. In: \_\_\_\_\_\_\_. (Orgs). **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Inclusão digital como invenção do quotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 38 maio/ago. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/10.pdf>>. Acesso em: 11 jul 2020.

DUARTE, Rosalia. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/2002 **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci\_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 nov. 2019.

BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista Belo Horizonte** | v.26 | n.03 | p.335-352 | dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo (1921). **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial**: orientações básicas para elaboração do plano de aula. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. Disponível em: < <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/571151/4/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_2.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

JORDÃO, Clarissa Menezes. (Org.) **A linguística aplicada no Brasil**: rumos e passagens. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística**? Desafios glotopoliticos contemporâneos. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. Novos Letramentos: perspectivas atuais para o ensino de inglês como língua estrangeira. SIGNUM: **Estud. Ling**., Londrina, n. 17/1, p. 102-129, jun. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/2014PerspectivasAtuaisparaoEnsinodeLE%20(1).pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade. Reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

|  |
| --- |
| SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, jan./fev./mar./abr., 2004, p. 5-17. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2020.  |

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/SOARES\_Magda\_Letramento\_Um\_tema\_de\_tres.pdf>. Acesso em: 13 jul 2020.

SILVA, Albina Pereira de Pinho; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; MACIEL, Ruberval Franco. Práticas multiletradas potencializadas como uso das tecnologias digitais no contexto do profletras/região Centro-Oeste. **Forum lingüístic**., Florianópolis, v.17, n.2, p.4 878 - 4 8 9 4 , abr./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17n2p4878/44094>>. Acesso em: 16 ag. 2020.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filol. lingüíst**. port., n. 8, p. 465-488, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Master/Downloads/59767-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o-77204-1-10-20130809%20(1).pdf](file:///C%3A/Users/Master/Downloads/59767-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o-77204-1-10-20130809%20%281%29.pdf). Acesso em: 12 maio 2020.

1. O PROFLETRAS é um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/index.php?pg=site&i=profletras-sinop&m=inicio>>. Acesso em: 17 jul. 2020. [↑](#footnote-ref-1)